

InSEA
SOCIEDADE INTERNACIONAL PARA A ARTE EDUCAÇÃO
PRIMEIRA ASSEMBLEIA GERAL, PARIS

Sessão Plenária de Segunda feira 5 de Julho de 1954

“O FUTURO DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA”

Discurso de abertura de
Sir HERBERT READ

A Primeira Assembleia Geral da Sociedade Internacional para a educação artística é um evento que um grande número de pessoas aqui presente acolherá com satisfação, como um reconhecimento oficial de uma causa que três gerações de professores e filósofos defenderam com entusiasmo. São numerosas as causas que também demoraram a ser alcançadas – poderíamos mesmo afirmar que as maiores causas exigem os esforços mais perseverantes e que a maior causa de todas, a da paz e amor universais permanece ainda na sua perspectiva infinita. Esta nossa causa, embora subordinada à causa maior confiada à Unesco, representa a nosso ver uma necessidade essencial e fundamental; é a pedra angular sem a qual a edificação da paz universal teria falta de solidez. Estamos convencidos que a Arte Educação é a educação para a paz – que se trata de um método que predispõe os seres humanos para atividades criativas, portanto pacíficas, e de uma educação que desenvolve entre os seres humanos laços mútuos de entajuda, ao mesmo tempo que evita ou afasta o ódio mútuo.

Foi Schiller que, primeiro, no mundo moderno, enunciou as verdades sobre as quais se fundamenta a nossa filosofia de educação; e o nome de Schiller é o primeiro que nós devemos orgulhosamente recordar em tais circunstâncias. Ele compreendeu, ainda com maior clareza do que Platão, que a educação não pode assegurar uma verdadeira formação a não ser que seja sustentada no decurso do desenvolvimento de cada personalidade, na espontaneidade e faculdade criadora. Schiller, foi o primeiro, a aperceber-se que cada fase do crescimento da criança é uma descoberta da forma no jogo livre das percepções sensoriais e que é somente à medida que o individuo se revela capaz de desfrutar da beleza da forma é possível instaurar a liberdade no Estado e a virtude moral na Raça. “Conciliar a liberdade por meio da liberdade é esta a lei fundamental deste reino”.

Poderíamos aqui evocar muitos outros nomes, mas, presentemente, o nosso dever é de olhar em frente e não para o passado e analisar em que direção e sobre que objectivos práticos a sociedade que fundámos se deve desenvolver.

Os princípios que animaram aqueles que mais ativamente contribuíram para fazer da nossa recente empresa o que ela é atualmente estão enunciados no preâmbulo do projeto de estatutos. São seis, e eu gostaria de os lembrar, acrescentando os meus próprios comentários, na esperança que, quanto mais a compreensão desses princípios for clara e concreta, mais seremos capazes de orientar a nossa Sociedade para a realização dos fins a que ela se propõe na nossa comunidade de nações.

Primeiro lê-se no preâmbulo: “Que a ARTE é um dos meios de expressão e de comunicação mais nobre, o que, como tal, parece ser uma mera banalidade. Eu diria antes que não é a uma forma de expressão que não deve a sua eficácia, precisamente, à sua forma. Que nós consideramos a expressão como um conjunto de sinais linguísticos, ou como imagens que são dirigidas diretamente aos sentidos, a arte, na medida em que dá forma à imaginação, está presente. Os cientistas vangloriam-se de ter inventado máquinas que pensarão por nós. Mas é preciso alimentá-las com dados. Sem dúvida poderão triturar e mastigar esses fatos até que tenha produzido um outro fato que resuma tudo – uma noção ou uma estatística que ultrapassa cálculos humanos. O homem não é uma máquina, e a sua característica mais humana é a sua imaginação. Essa faculdade que lhe permite dissociar a imagem do objeto, de combinar arbitrariamente as imagens e de criar por conseguinte visões que erguem a humanidade acima do mundo dos acontecimentos e que a conduzem ao mundo dos sonhos. O homem nos seus momentos mais humanos, vive num reino fantasmagórico, onde reina a magia; esta faz nascer do vazio em que o homem está envolvido, as imagens de uma nova realidade que inspira esperança, entusiasmo e alegria.

Estamos convencidos - e é o segundo dos nossos princípios “que a criação artística responde a uma necessidade comum de todos os homens. Necessidade fundamental porque é criadora de sinais e símbolos, de elementos graças aos quais os homens comunicam entre si. Mas, poderão questionar, como é que o homem se tornou consciente da forma e dos limites do universo visível? Consciente, também, acrescentamos, das realidades intangíveis que ultrapassam os seus poderes de conceito racional? A maior consciência de sempre que o homem tem da realidade, respondemos, foi a criação progressiva, formas simbólicas

destinadas a representar os sentimentos e as intuições, por outras palavras, a criação de imagens plásticas que correspondam de forma convincente à natureza dos seus sentimentos e das suas intuições. Assim nasceram as primeiras palavras sob a forma de poesia, os primeiros cânticos, as primeiras danças como rituais; É assim que as primeiras imagens tomaram a forma de esculturas e de pinturas. Estes atos primordiais de forma simbólica tornaram possíveis o mito e a magia, a primeira ciência e a primeira filosofia. Mas, o ato primordial sempre foi criador, e sempre, fez parte da arte; e nós estamos convencidos que o ato primordial é ainda de arte, e que todo o progresso humano, seja qual for, depende da persistência da visão criadora e da capacidade metafórica, tanto nos indivíduos como nos povos.

Passemos destas considerações gerais para o terceiro princípio enunciado no preâmbulo, que responde a uma noção muito exacta no âmbito da psicologia e da educação. Diz-se “que a educação artística é para o indivíduo um meio natural de cultura em todos os estados do seu desenvolvimento, porque lhe ensina os valores e as disciplinas essenciais na sua plena expansão intelectual, afetiva e social no seio da comunidade”. Insisti sobre certos temas que precisam de ser comentados de forma mais particular, mas convém não nos desviarmos do carácter geral e universal deste conceito. É preciso repudiar em absoluto qualquer tendência em crer ou sugerir que, a nossa Sociedade se ocupa, num sentido estritamente profissional, do que geralmente se entende por “educação artística” - ou seja, educação de uma minoria para a preparar para uma carreira artística. Não é menos importante, e porque existe muita ambiguidade sobre este ponto, é mesmo muito importante: mais uma vez - clarificar bem que nós não nos preocupamos particularmente com os métodos de ensino de arte enquanto matéria especial dos programas escolares. Nós temos seguramente uma opinião sobre este ponto, mas não é senão um aspecto secundário da nossa crença profunda no valor educativo geral da própria actividade criativa, e o que nós afirmamos é, de facto, que uma educação baseada nas actividades criativas constitui um meio natural de ensino, diria mesmo, quanto a mim, o meio natural de ensino. Para o afirmar, nós baseamo-nos no facto do ensino ser um processo psicossomático. Sem dúvida, nós aprendemos de cor os factos, por meio de uma repetição mecânica, mas logo que aprendemos a agir, é por imitação e hábito; neste âmbito, nós não acumulamos, nós seleccionamos e esta seleção é produzida consoante uma determinada progressão pela percepção da economia e do ritmo do movimento, e pela percepção do equilíbrio e da proporção da forma. Pode-se definir a disciplina como a aquisição de um sentido instintivo da forma - da forma em todas as esferas de actividade, mesmo dentro da

lógica e das matemáticas. Nós podemos, bem entendido, adquirir uma disciplina parcial, e, por consequência, uma educação parcial – um matemático pode muito bem ser inábil das mãos, e raros são os filósofos que dançam com pé ligeiro, como Nietzsche sonhava. Mas nós afirmamos que a educação pela arte é uma educação completa, uma educação que ensinará todos os valores e disciplinas indispensáveis ao pleno desenvolvimento intelectual, afetivo e social. E o especialista assimétrico não será mais do que um vestígio do passado, tão monstruoso como o ciclópe que só tem um olho.

Este não é o momento adequado para prosseguir com estas especulações, nos seus detalhes psicológicos, mas pareceu tão evidente a um filósofo da antiguidade como Platão, como a um filósofo moderno, como Pavlov, que a correlação entre as faculdades físicas e psíquicas é uma escolha possível e mesmo natural. A disciplina não é mais do que a adaptação do organismo humano a certas normas de ação ou de hábito. Podemos adaptar o ser humano a um modelo desumano de tirania ou escravatura; podemos também deixar o ser humano adaptar-se a um caos de sensações. Mas afirmamos que existem normas universais de beleza, e que, se os homens aprenderem a se adaptar a estas normas, o seu coração tornar-se-à sereno, a sua inteligência harmoniosa; viverão todos em paz numa sociedade que será, já por si uma expressão de ordem natural. É porque as normas da disciplina estética são universais, que a sua realização favorece a harmonia social. A Beleza, na medida em que a utilizamos, é a unidade.

O quarto princípio enumerado no preâmbulo não é senão uma nova maneira de definir o aspeto social da educação pela arte. Ao desenvolver a liberdade e a harmonia de expressão, entre os homens, aprendemos a ter confiança uns nos outros, a desenvolver a nossa experiência comum e, de uma maneira geral, a criar esta comunhão de pensamento e de aspirações que constituem uma cultura. Só temos que olhar para as grandes civilizações do passado para compreender que a força que as fez permanecer durante tanto tempo era uma força criativa – foram prósperas tanto assim que continuaram a manifestar-se por símbolos vitais. Mas desde que estes símbolos se tornaram clichés e o homem ficou obcecado pela beleza, originalidade do pensamento e da expressão, esta cultura decaiu imediatamente e, segundo a lei inexorável da história da humanidade, a civilização pereceu. A arte não é, como se diz muitas vezes, o ornamento da civilização: é o batimento rítmico do coração de uma civilização, e quando o ritmo se perde, esta civilização está condenada à destruição.

A quinta cláusula do preâmbulo foca-se na cooperação e coordenação, e o seu conteúdo implica talvez uma subdivisão da educação em diferentes âmbitos de disciplinas e de pesquisas independentes que parecem não corresponder completamente às afirmações relativas à disciplina de arte, que contém o terceiro princípio. É verdade, claro, que, quando se trata do programa diário de estudos numa escola ou faculdade, se deve aprender história numa classe, geometria noutra, e que estas duas áreas de estudo têm pouco ou nada em comum. Mas a arte não é uma terceira área de estudo que deve ser organizada em separado de cada uma das outras; é um método de ensino que se estende a todas essas áreas e que une todos os estudos numa disciplina comum. Pode estimular tanto a história como a geometria e transformar cada matéria numa atividade espontânea, um jogo criativo em que o ensino se insere necessariamente como uma resposta da mente a um movimento ritmico ou a um esquema significativo.

Finalmente, chegamos a esta crença que nos incita a ponderar no que estamos aqui a fazer hoje, e do que queremos fazer no futuro – a esta convicção de que, através de uma organização adequada, da propaganda e do exemplo, podemos demonstrar ao mundo a veracidade daquilo em que acreditamos. Durante as nossas reuniões desta semana, vamos discutir os meios de colocar as nossas ideias em prática e eu não posso prever as nossas decisões. Limito-me, aqui de novo, a algumas observações de princípio.

É nossa primeira obrigação, lembrarmos que a nossa associação foi criada graças à ajuda e conselhos da Unesco, e que nos dedicamos aos mesmos ideais de cooperação internacional e de unidade mundial. Estamos aqui para trocar ideias para dar conta dos progressos que realizamos nas áreas particulares, esperando que todos beneficiarão da contribuição de cada um de nós. Os nossos princípios são universais, não apenas no sentido filosófico da palavra, mas ainda no sentido literal. A arte, apesar do que se afirma frequentemente não é nacionalista, e a arte das crianças menos que qualquer outra. A arte, na sua origem é um direito humano, e desde os tempos pré-históricos até aos dias de hoje, manifesta-se por meio de símbolos válidos universalmente. É verdade que esses símbolos se podem revestir, na altura, dos atributos de uma raça ou religião em particular, e que a arte budista, por exemplo, pode parecer tão estranha como desprovida de senso para um cristão como a arte cristã para um budista. Mas a causa, em ambos os casos, é o véu do preconceito que nós lhes ocultamos, e que é preciso esforçarmo-nos, para provar, não certamente que a arte é em toda a parte a mesma, mas sobretudo que tem dois aspetos, o eterno e o temporal, que se distinguem mais

facilmente quando o véu é levantado. A descoberta mais surpreendente, provavelmente dos que estudaram a arte infantil nos últimos anos, é que genericamente falando, esta arte começa por ser universal e diferencia-se apenas gradualmente consoante a nação ou religião. Até à idade de 7 anos, ou mesmo de 9 anos, não se observa nenhuma distinção específica entre os desenhos das crianças de todas as partes do mundo. A criança é humana e desde a infância, exprime-se numa linguagem universal de símbolos. Isso, parece-me, uma demonstração impressionante da nossa humanidade comum a que não se deu atenção suficiente. Esta unidade fundamental de sentimentos e de expressão nas crianças de todas as nações indica seguramente a existência de uma base psicológica sólida sobre a qual nós podemos fundar um mundo humano unido por laços naturais.

Isto não é senão um exemplo do tipo de verdade que podemos estabelecer para a investigação científica e espalhar pelo mundo inteiro. Mas nós precisamos de instituições em que estas pesquisas possam continuar, bem como de homens e mulheres dispostos a trabalhar nessas instituições. Não creio que possamos realizar a verdadeira tarefa da nossa sociedade limitando-nos a reunirmo-nos num congresso anual e a ouvir uma serie de apresentações descoordenadas. Os que assistem a congressos deste género constituem apenas uma minoria arbitrária ativamente empenhada em diversas ocupações, e se os contatos culturais são sempre preciosos, especialmente a nível pessoal, do que precisamos neste caso é de um programa de pesquisa e de experimentação à escala internacional. Eu diria que para demonstrar o valor da nossa tese – segundo a qual a atividade criativa deveria ser a base de toda a educação – temos necessidade de outra coisa além de instituições de investigação. Precisamos, em diferentes partes do mundo, de escolas experimentais onde as nossas teorias possam ser postas à prova. Mas, antes de criar essas escolas, é preciso que encontremos professores, e portanto precisamos, em primeiro lugar, de uma universidade onde os professores serão treinados neste novo método de ensino.

Eu não quero aqui dar a impressão de que nada foi feito até agora. Pelo contrário, em quase todos os países, encontramos pequenos grupos que se esforçam por realizar os nossos ideais. Sei, por experiência, que existem esses grupos em França, Grã Bretanha, Estados Unidos, Canadá, Nova Zelândia, Alemanha, Austria, Itália, Brasil, Cuba, Argentina ou Japão. Estou certo que os nossos colegas da Unesco aqui presentes poderão alargar esta lista. Nós representamos portanto já um movimento educativo que se estende ao mundo inteiro e a nossa meta imediata é a de coordenar esforços de todos estes grupos separados. É preciso encorajar

os que lutam contra um meio indiferente, e devemos começar a constituir, a partir da nossa experiência comum, uma base de conhecimentos que dará aos nossos argumentos uma força irresistível. Iremos precisar de dinheiro – de muito dinheiro – e não hesito em aproveitar esta ocasião para endereçar um apelo às fundações ricas criadas para fins educativos. Os seus fins são muitas vezes muito diversos – não são limitados a um só país, nem, de um modo geral, a um aspeto particular de educação. Mas, dado que se trata de educação, as diversas atitudes adoptadas tendem a se colocar nas categorias convencionais, e, a este respeito, as fundações não são excepção à regra. A educação, presume-se, é primária ou secundária, religiosa ou laica, clássica ou científica. Uns procuram no ensino a solução do problema do analfabetismo, outros, a solução dos mal entendidos internacionais; outros ainda aí vêm um meio de prevenir a delinquência ou a criminalidade juvenil. A estes representantes de interesses particulares, parecerá sem dúvida que, nós também, não representamos senão um interesse da mesma ordem, o da arte na educação. Ou, estamos convencidos, precisamente, que não representamos interesses também limitados, que nós nos esforçamos, pelo contrário, por reconstruir todas as formas de educação a partir dum princípio novo ou que nós queremos, pelo menos introduzir em todas as formas de educação um método novo - educação pela arte. Julgamos ter boas razões de ordem psicológica para afirmar que os métodos de educação devem ser orientados a fim de que todas as faculdades humanas - as dos sentidos e as intelectuais – tanto criativas como construtivas, devam ser exercidas e desenvolvidas harmoniosamente para que todos os homens se resignem às formas de beleza que, só por si, neste mundo de interesses em conflito, são objectivas, universais e unitivas.

Rejeitamos firmemente a acusação – que provavelmente irá ser formulada – de sermos apenas idealistas desprovidos de sentido prático. Idealistas, somos com orgulho; mas o nosso idealismo é baseado na evidência dos factos e não menos nas aspirações e, sustentados nas nossas convicções, nós fornecemos fatos irrefutáveis. Não podemos fazer nascer neste mundo perservo uma nova raça de anjos; a matéria prima que damos para modelar é demasiado imperfeita.

Mas o mal em si, temos a certeza, deixará de existir se for submetido a uma disciplina estética, e a virtude moral é o resultado positivo da contemplação habitual do Belo. Conforme Schiller disse na sua última carta tão eloquente, “ de súbito o homem já não se contenta com as coisas que lhe agradam; que agradar a si próprio; ao princípio só com o que é *seu*; depois, por fim, com o que *é*. Pouco a pouco foi a forma de acercando-se desde fora e conquistando a

habitação, os utensílios domésticos, o traje; agora começa por fim a apoderar-se do próprio homem, e a transformá-lo, primeiro, externamente; depois, também no íntimo do seu ser. O salto irregular torna-se dança; o gesto informe converte-se numa linguagem amável e harmoniosa”. Os ruídos confusos, ao se desenvolverem, começam a obedecer a um ritmo e a fundir-se num canto”. É o triunfo da forma sobre o caos material, o caos moral, e enfim, o caos social. “Se a necessidade obriga o homem a viver em sociedade, prosseguiu Schiller, “se a razão imprime na sua alma princípios sociais, somente a beleza pode conceder ao homem um *caracter sociável*. O gosto é o que introduz harmonia na Sociedade, porque infunde harmonia no indivíduo. Quaisquer outras formas de representação separam os homens, porque se fundem exclusivamente, ou na parte sensível ou na parte espiritual do ser humano; somente a representação bela faz um todo do homem, porque nela não-de coincidir ambas as naturezas. Quaisquer outras formas da comunicação separam a sociedade, porque se referem exclusivamente ou à representação privada ou à actividade particular dos membros singulares, isto é, o que diferencia e distingue um homem de outro; somente a comunicação da beleza purifica a sociedade, porque se refere ao que é comum a todos.” (27ª carta, traduzido e adaptado pela autora a partir do original de Schiller, 1920).

Tal é o princípio universal, ou a lei natural, sobre a qual nós fundamos a nossa filosofia de educação. Pela nossa parte, estamos certos de ter razão, mas isso será uma tarefa imensa convencer, desde logo, essa maioria céptica que se agarra a uma filosofia de educação que é diferente e de estabelecer de seguida os métodos práticos a empregar na nossa educação estética. Eis-nos aqui reunidos nesta primeira assembleia geral para estabelecer um programa prático a seguir. Foi-nos já comunicada uma lista com dez propostas e poderão ainda juntar-se-lhes mais, se assim o desejarmos. Estas propostas englobam já um campo muito vasto: organização, publicações, propaganda e investigações. Elas requerem ser sustentadas por um conjunto de homens e mulheres que se consagrem a esta obra; esses homens e mulheres, por sua vez, têm necessidade de ser apoiados por numerosas instituições nacionais e por uma instituição internacional, o que permitirá manter contactos permanentes e todos os membros da nossa Sociedade poderão assim contribuir eficazmente para atingir o único objectivo a que ela se propõe e que é de tentar, graças à acção unificadora das artes, estabelecer a paz universal.